

A DITADURA DA BELEZA: A BUSCA PELO CORPO “IDEAL”

Márcia Ramos da Silva

UEPB – Campus III

marcia_rs00@hotmail.com

Roberta Ribeiro da Silva

UEPB – Campus III

bettyinha_ribeiro@yahoo.com.br

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Edna Maria Nóbrega Araújo

Universidade Estadual da Paraíba

Há muito tempo a beleza vem sendo estimada pelas mulheres. A busca pela perfeição e a camuflagem das ditas “imperfeições” são temas que durante vários séculos foram abordados com o intuito de definir e aperfeiçoar o belo, porém nem sempre o corpo foi concebido como principal elemento da beleza.

No século XVI, a beleza voltava-se para as ditas “partes altas”, o que Vigarello (2006) destaca sendo pertencentes a tais “partes” o rosto, os olhos, boca, bochechas, nariz, busto, seios, mãos e braços. Para a valorização e destaque desses elementos, a vestimenta feminina realçava ainda mais essa beleza, pois as saias eram longas e volumosas dando destaque ao alto, a saia era como “pedestal do busto” (VIGARELLO, 2006, p.18). Destaca-se também como belo um corpo volumoso: as mulheres cheinhas representavam a sensualidade e beleza dessa época. No entanto, vale ressaltar que a busca pela beleza não é atrelada à sensação de bem estar, mas para conceder o prazer do exibicionismo ao outro. Este é o alvo.

Percebe-se então que, desde então, a beleza é produzida para agradar os olhos de quem a vê, por mais que seu alcance seja ardiloso, doloroso e por vezes cruel. Inúmeras mulheres tinham seus órgãos internos estrangulados devido ao uso do espartilho, este que desaparece por indicações médicas e retorna no século XIX “*para dar respaldo à moda ‘Império’*”. (DEL PRIORE, 2001, p. 11)

No século XVII as partes baixas vão ganhando destaque, principalmente os quadris e as pernas. Contudo, o que ganha, neste período, um maior destaque são os espaços de lazer, que se transformam em locais de expectativa estética, impondo-se uma beleza mais cotidiana. Igrejas, teatros, balés, praças e confeitarias tornavam-se palco da sociabilidade e lócus da moda, pois, eram os locais onde poderia haver um

despretencionismo em desfilar os vestidos, chapéus e saíões inspirados à moda europeia sem ter uma conotação associada à vulgaridade.

O belo agora tinha que ser externado e não tinham espaços melhores do que onde há sociabilidade, pois são também nesses espaços que vão se constituindo padrões femininos que se impõem como modelo de beleza, haja vista que as mulheres se viam e procuravam se encaixar a tal modelo de beleza. A beleza nesse momento já começara a dar importância para as formas do corpo, “o desenho da cintura e do quadril adquiriu presença e precisão [...]. O centro do corpo existe de outra maneira, variando as formas, impondo o ‘reto’, o ‘fino’, o ‘desembaraçado’, o ‘redondo’, o ‘tosco’”. (VIGARELLO, 2006, p. 49)

Tento em vista que no século XVI a beleza voltava-se para o rosto e no XVII para o corpo, o século XVIII é a junção de ambos, a beleza seria caracterizada pela harmonia do corpo e rosto.

Um duplo movimento se afirmou no século XVIII: o apego a uma beleza genérica, com a visão de uma silhueta de conjunto, seu equilíbrio, os quadris, o busto, os movimentos flexíveis; e o apego a uma beleza individual, com a visão de uma singularidade invencível, essa graça sempre única encarnando a beleza. (VIGARELLO, 2006, p.87)

Para o rosto surgiam maquiagens que encobriam o que era considerado imperfeito, “as técnicas de maquiagem buscavam copiar o que era belo, sem ultrapassar a natureza” (DEL PRIORE, 2001, p.15), ou seja, a maquiagem era uma maneira de corrigir o indesejado, sendo sabido que os retoques eram possíveis, os banhos de beleza também surgem nesse período.

No século XIX corroboraram com a beleza a presença dos espelhos nos espaços, agora não mais os espelhos pequenos que só viam o rosto, mas os grandes para se ver por completa, “os espelhos polidos ganhavam tamanho para refletir o crescente narcisismo” (DEL PRIORE, 2001, p.16), as imperfeições seriam detectadas mais rápidas, como também as perfeições seriam mais visíveis. A cerca disso Vigarello faz o seguinte comentário:

Os espelhos, sem dúvida, mais numerosos, [...] renovaram os olhares sobre si: uma consciência mais aguda da silhueta e de seus movimentos, uma maneira diferente de se observar. (VIGARELLO, 2006, p.117)

Percebe-se que desde o século XVII a beleza começa a se externar, o *ser bela* tinha que ser posto a mostra. Além dos espelhos as roupas também contribuíam para esse modelo de beleza, principalmente no século XIX, pois em meados dos anos 1870 “o vestido se faz ‘colante’, os quadris se afirmam como se fossem ‘recheios’”. (VIGARELLO, 2006, p.119).

O belo em fins do século XIX e início do XX eram seios grandes, cintura fina e quadris largos; a beleza ganhara a conotação da sensualidade, era uma forte arma para despertar os desejos, o corpo passara a se mostrar com o intuito de ser desejado e apreciado. Essa nova presença do corpo, linhas aflorando sob a roupa, contornos impostos ao olhar, cruza com outra ocorrência súbita no fim do século XIX: maior liberdade concedida ao desejo.

Ainda em fins do século XIX a nudez ganha destaque, as roupas vão se ajustando e diminuindo, os cabelos vão encurtando deixando de fora a nuca. Agora surgem concursos plásticos, a partir de 1890: “a mais bela perna, a mais bela nuca, os mais belos seios” (VIGARELLO, 2006, p.124). A partir de então, a nudez feminina se banaliza.

Mary Del Priore (2001) em seu livro *História do Cotidiano* faz um comentário em alusão à nudez feminina, pode-se dizer, uma crítica a tal nudez

No decorrer do século XX a mulher se despiu. O nu, na mídia, nas televisões, nas revistas e nas praias, incentivou o corpo a desvelar-se em público, banalizando-se sexualmente. A solução foi cobri-lo de cremes, vitaminas, silicones e colágenos. (DEL PRIORE, 2001, p.100)

Em fins do século XIX e início do XXI, a beleza se destaca por um padrão estético que se mistura com o bem estar, discurso produzido pela saúde. A ginástica vem para justificar uma boa educação e provocar o bem estar: sua prática estava relacionada com a saúde, maior expectativa de vida e beleza. Para Del Priore (2000), o

discurso de saúde e beleza misturam-se: uma mulher bela é uma mulher saudável, pois é preciso “oxigenar as carnes, e alegrar-se graças ao equilíbrio saudável do organismo. A elegância feminina começou a rimar com saúde”. (DEL PRIORE, 2000, p. 63).

As Academias, os SPA, as clínicas de cirúrgicas plásticas, os salões de beleza, são espaços que vão sendo preenchidos e cada vez mais procurados por mulheres que buscam o corpo ideal, que procuram corrigir suas imperfeições e tornar-se uma visão agradável para os olhos que a vêem. Para a exposição do corpo, este tem que estar na boa forma, belo, para atender as exigências dessa sociedade capitalista, que a todo instante nos insita a consumir uma beleza alheia. A cerca dessa beleza alheia Del Priore (2001) faz o seguinte comentário ao consumo de tal beleza:

Entre nós, aumenta assustadoramente o número de mulheres que opta pela imagem da *Barbie* americana, dona de volumosos seios de plásticos falsos, cabeleiras loiras e lábios de Pato Donald. (...) Mal se percebe que nossa sociedade não valoriza a identidade, mas a identificação. Os pequenos defeitos, que outrora davam charme a uma mulher, estão em baixa. (DEL PRIORE, 2001, p. 21-22)

Essa beleza externa consumida faz com que haja uma negação do corpo considerado não belo. A mulher gordinha passa a não se identificar com seu corpo, senti-se feia e topa sacrifícios para consumir a beleza tão sonhada: “Anônimos, os que não são belos simplesmente recusam seus corpos. (...) Em uma sociedade de consumo, a estética aparece como motor do bom desenvolvimento da existência.” (Idem, p. 20-21)

Esse anonimato dá-se porque ninguém quer ser o patinho feio dessa sociedade capitalista onde os corpos sarados são os bonitos, a representação da saúde e os gordinhos o oposto, o feio, o doente. Para não ser feio e ter aspecto de doente, a busca pela beleza é constante, a mulher tem que manter-se bela em todos os espaços e se prevenir, cuidar-se para a feiúra não voltar: “Não há mais um momento especial para se fazer bela já que todos os momentos devem ser conjugados com um trabalho sobre si mesmo de conquista da beleza e de prevenção da feiúra” (SANT’ANNA, 1995, p. 130.).

Tendo em vista que a propaganda projeta um discurso que instiga ao consumo, o corpo feminino é o transmissor de tal discurso; ele é apresentado para seduzir e

despertar os desejos dos que o vêem. A imagem do corpo é utilizada para a elevação da qualidade do produto em pauta, já que a grande meta do publicitário é satisfazer o consumidor. Porém os corpos estão ali expostos não só porque são bonitos, mas esperam por respostas do consumidor, pois o corpo transmite mensagens que convidam os indivíduos a fazerem parte do modelo de mundo lançado; não é um convite que passa despercebida, principalmente para as mulheres que se deparam com “deusas da beleza” nos veículos de comunicação.

Destarte, a mídia é um dos veículos que propaga o modelo de beleza a ser adotado, instiga a mulher a transformar seu corpo para inserir-se e ser aceita na sociedade. Não estamos afirmando que a mulher seja forçada a tal atitude, no entanto sabemos que ela é pressionada a praticar as mudanças, pois as revistas, novelas, outdoor, comerciais televisivos e de propagandas mostram mulheres altas, magras, loiras (em sua grande maioria) e cabelos lisos; mulheres homogenias que apresentam o corpo revestido com os elementos que caracterizam ser o “belo”, como este fosse a porta de entrada para o sucesso e a felicidade.

As imagens desses corpos perfeitos propagam um modelo de corpo ideal que tende, como afirma Inês Senna Shaw (2003, p. 197), a “convencer a mulher de que para ela ser amada e desejada precisa chegar a tal ideal”. Para tanto, as mulheres que vêem esses corpos não se atentam para o fato de que são corpos imbuídos de artifícios para embelezar, como por exemplo, o photoshop, que corrige as “imperfeições” corporais.

Esse bombeamento da beleza pela mídia ocasiona nas mulheres um sentimento de inferioridade, onde buscam – ou constroem – uma identificação a todo custo, seja se apertando em uma minúscula calça jeans ou sentindo dores para alcançar a tão desejada identificação com a beleza. Ou seja, “a tirania da perfeição física empurrou a mulher não para a busca de uma identidade, mas de uma identificação” (DEL PRIORE, 2001, p.102), e é nesse espaço midiático e publicitário que as mulheres são escravizadas – escravas do consumo –, martirizadas a estarem magras, perfeitas. Nesse contexto, a luta é contra a balança, o limite é a perfeição: quanto mais jovem aparentar, logo saudável e belo se está. Mas como evitar as marcas do tempo? Por que velhice não pode ser sinônima de beleza? Parece-nos que estamos vivendo em uma sociedade em que valores estão se perdendo e novos cultos surgindo, pois

Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nosso corpo, da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho. "Libere-se", contrariamente ao que queriam as feministas, tornou-se sinônimo de lutar, centímetro por centímetro, contra a decrepitude fatal. Decrepitude, agora, culpada, pois o prestígio exagerado da juventude tornou a velhice vergonhosa. (DEL PRIORE, 2001, p.11)

Dessa forma, percebe-se que a mulher sempre buscou a perfeição, alcançar o corpo belo nem que para isso tenha que sofrer, pois o que fica valendo é o resultado, não os meios para se alcançá-lo, porém queremos dizer que o silenciar dos corpos que não são encaixados nesse padrão de beleza reclamam por voz e reconhecimento na sociedade, pois a beleza é uma construção mutável, caracterizada por uma época, como diz Goellner (2003):

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é, portanto, algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. (GOELLNER, 2003, p. 28).

Referências

- DEL PRIORE, Mary. **História do Cotidiano**, São Paulo: Contexto, 2001.
- GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Vozes, 2003.

SANT’AANA, Denise B de (org). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____ “É possível realizar uma história do corpo?” In: SOARES, Carmen Lúcia (org). **Corpo e História**. 3ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2006.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SHAW, Inês Senna. O Corpo feminino na propaganda. In: LYRA, Bernadette e SANTANA, Gerson (Org.) **Corpo e Mídia**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003, p. 193-207.